

A CONSTRUÇÃO DA UMA NOVA PAISAGEM NO MEIO RURAL: a mediação do Capa¹

Tarcísio Vanderlinde²

RESUMO: A partir dos anos 60 do século XX, com as novas tecnologias, vinculadas ao processo de expansão capitalista no campo, o modelo agrícola é questionado e o pequeno agricultor sente-se impactado e excluído do sistema. O Capa – Centro de Apoio ao Pequeno agricultor – é uma entidade mediadora que emerge da conjuntura e revela-se como uma forma peculiar de envolvimento da Igreja Luterana com os agricultores. A partir da mediação da IECLB/Capa, os agricultores se rearticulam no sentido de subsistir no novo momento. A rearticulação passa pela discussão de idéias e novas inserções técnicas associadas a formas de cooperação e associação já percebidas em outros agricultores no passado. A idéia do Capa se identifica com a história da formação da Igreja Luterana no Brasil e preconiza, juntamente com os pequenos agricultores, num processo de libertação, a construção de uma nova paisagem no meio rural.

PALAVRAS-CHAVE: Pequeno agricultor, espiritualidade, nova paisagem

THE CONSTRUCTION OF A NEW LANDSCAPE IN THE RURAL AREA: the Capa's mediation

ABSTRACT: From the 60s of the XX century, with the new technologies, linked to the capitalist expansion process in the field, the agricultural model is questioned and the small farmer feels impacted and excluded from the system. The Capa – Small farmer Support Center – is a mediating entity that emerges from the conjuncture and shows itself as a peculiar way of the Lutheran Church involvement with the farmers. From IECLB/Capa mediation, the farmers rearticulate in the sense of subsisting in the new moment. The rearticulation goes through ideas discussion and new technical insertions associated to cooperation and association ways already noticed in other farmers in the past. Capa's idea identifies with the Lutheran Church formation in Brazil and preconizes, jointly with the small farmers, in a liberating process, the construction of a new landscape in the rural area.

KEY WORDS: Small farmer, spirituality, new landscape

INTRODUÇÃO

Diante da crise gerada pela modernização agrícola entre os pequenos agricultores, a IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, cria ao final dos anos de 1970, o Capa - Centro de Apoio aos Pequenos Agricultores. A entidade caracterizada inicialmente como a materialização de um serviço eclesial da Igreja Luterana volta-se para as problemáticas

¹ Reflexão inédita que sintetiza estudos realizados sobre o Capa – Centro de apoio ao pequeno agricultor a partir do ano 2000. O texto não está sendo avaliado para publicação em nenhuma outra revista ou anais de evento.

² Doutor em História. Professor Adjunto da Unioeste Campus de Marechal Cândido Rondon – PR. Integra grupo de pesquisas Geografia. Mídia, mediações e ambiente (GEMMA). tarcisiovanderlinde@gmail.com

dos pequenos agricultores no sul do Brasil sem acepção de credo. O Capa, contudo se identifica com aspectos identitários da igreja da qual emerge, e, na mediação que se pauta em pressupostos espirituais, atua na qualificação de pequenos agricultores pela via da agroecologia. É nesta visão que se articula a nova paisagem pensada pela entidade mediadora.

Distribuído em cinco núcleos geograficamente estabelecidos nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o Capa forma um consórcio e exerce uma função tecno-mediadora entre grupos de pequenos agricultores. Com isso fomenta formas associativas de organização relacionadas ao planejamento, produção e comercialização de produtos agropecuários sem o uso de agrotóxicos. Para viabilização de seu projeto, o Capa mantém parcerias com prefeituras, movimentos sociais e ONGs. Atua também entre indígenas e grupos de comunidades remanescentes de quilombos. A atuação de luteranos entre os quilombolas pode ser considerado um jeito inédito de inserção se considerados aspectos identitários relacionados à formação das comunidades luteranas no sul do Brasil. Este resumo contempla uma análise da racionalidade ambiental preconizada pelo Capa no intuito de se construir uma nova paisagem no meio rural com o foco voltado para a pequena agricultura. Trata-se de reflexão que sintetiza pesquisas realizadas sobre o Capa nos últimos dez anos (2000 – 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre outras possibilidades, o trabalho do Capa enquanto entidade mediadora pode ser inserido nas novas abordagens ou fronteiras da espiritualidade no tempo presente. Na formulação de um novo paradigma que estabelece um relacionamento mais cauteloso com a natureza, a espiritualidade passa a ser cada vez mais requerida. Agroecologia e espiritualidade se intercambiam na proposta defendida pelo Capa. A pertinência do imaginário espiritual no relacionamento entre homens e entre homens e ambiente pode ser percebido nas reflexões sobre as problemáticas contemporâneas entre inúmeros pesquisadores entre os quais se podem destacar Fritjof Capra (2001) e Pablo González Casanova (2006).

O Capa atua entre os pequenos agricultores no intuito de construir uma nova paisagem que se materializa pela agroecologia. Como já se observou, esta agroecologia é permeada por elementos espirituais dentro de uma concepção pluralista. É adequado frisar que a abordagem de espaços ou territórios, a partir de uma percepção mística ou religiosa tem se caracterizado como um procedimento metodológico pertinente no âmbito das ciências humanas. No conjunto das ciências mais específicas que adotam este procedimento metodológico, podem ser destacados estudos e pesquisas sobre religiosidade em sociologia, antropologia, história e geografia. No caso específico da ciência geográfica, vale ressaltar a metamorfose pela qual se redefinem os conceitos clássicos dessa ciência. Na percepção de Rogério Haesbaert (2002), a modernidade radicalizada recupera, em novas bases, mais complexas e mais híbridas, velhas noções que são retomadas com novo ímpeto da própria dinâmica concreta da sociedade. Sendo assim, grupos reivindicam “territórios”, mesmo sabendo que esta concepção adquire novos sentidos. O território também pode ser visto na ótica de um elemento constitutivo da identidade. Sua perda ou conquista pode ser percebida na poesia ou nos versos de celebrações litúrgicas que não se encaixam nos cânones normalmente aceitos pelas religiões institucionalizadas.

Um dos aspectos considerados relevantes nos processos de mediação entre pequenos agricultores refere-se a construção da mística. A construção da mística, ou a fundamentação religiosa dos discursos de mediação é entendida como uma força motivadora e propulsora das lutas dos agricultores. A construção da mística faz parte do discurso de mediação em que se envolvem entidades religiosas, procurando motivar o agricultor nos objetivos que se pretendem alcançar. Trata-se de criar referenciais e visões de mundo, onde o sagrado indica um caminho viável a ser seguido. A mística é capaz de criar um encantamento na luta do agricultor e um pesquisador atento poderá identificá-la em muitos movimentos e

momentos relacionados à história dos camponeses. O camponês tem uma religiosidade que nem sempre coincide com aquela que lhe chega mediada por entidades religiosas. Através de sua religiosidade, assim como nos “silêncios” e seus significados, o camponês também resiste e avança. É o contato com a natureza e a percepção da seqüência dos dias e estações que formulam uma experiência “espiritual” própria ao camponês. Este sentimento fundamentado numa concepção de vida pode entrar em sintonia com outros discursos mais “refinados” mediados pelos agentes religiosos.

A partir de uma visão espiritualista, o Capa leva para o campo uma “nova racionalidade ambiental” que se identifica com procedimentos agroecológicos na agricultura. A expressão “racionalidade”, no que tange ao modo de se produzir no campo é um termo normalmente associado à implantação de processos de modernização agrícola. No discurso, o conceito de racionalidade costuma acompanhar aquilo que de longa data se entende como modernidade ou expressões que daí derivam como é o caso da idéia de pós-modernidade. Nesta reflexão pode-se dizer que “racionalidade ambiental” vem se contrapor a um tipo de racionalidade que a partir do aperfeiçoamento de processos industriais tem se mostrado danoso ao ambiente e ao homem. A racionalidade ambiental estimulada pelo Capa pode ser consultada em inúmeras publicações desenvolvidas pela própria entidade. No campo acadêmico, podem ser destacadas as pesquisas desenvolvidas por Vanderlinde (2002, 2006a, 2006b, 2007, 2009a e 2009b) e por Batistela (2009).

Em seu estudo sobre a racionalidade ambiental do Capa, Everton Batistela (2009) discute o desastre provocado pela ideologia do progresso e desenvolvimento sem limites. Neste sentido, pode-se concluir que a crítica da modernidade é uma questão ideológica imprescindível nas discussões sobre sustentabilidade. A conclusão é que de fato parece que jamais fomos modernos, pois ainda não se conheceu a emancipação propalada pelo projeto da modernidade. No diálogo estabelecido com diversos pensadores, Batistela conclui que a sustentabilidade é o significante de uma falha fundamental na história da humanidade. E uma das constatações é que a força libertadora da modernidade enfraquece a medida que ela mesma triunfa. Neste sentido não seria um exagero afirmar que teria sido preciso destruir o mundo em teorias para que se pudesse destruí-lo na prática. Urge, portanto um outro paradigma civilizatório.

A modernidade formata a idéia de progresso que desacreditada deságua no desenvolvimentismo criando-se assim uma espécie de “oitavo dia” impulsionado pela função utilitarista do mercado (Westphal, 2004). A agroecologia emerge na reflexão de Batistela como opção aos avanços desastrosos da modernidade. (Re)introduz um senso de orientação ética ofuscado por atitudes como o uso do secante químico, criminosamente utilizado para homogeneizar e acelerar os processos naturais de amadurecimento das plantas. A crise da ruralidade sobre a qual Batistela discute, ocorre no contexto. Sua pesquisa revela um esforço intelectual em sistematizar uma teoria sobre racionalidade ambiental com ênfase nos princípios da agroecologia tendo como exemplo a atuação do Capa no Sudoeste do Estado do Paraná. Seu estudo buscou focar a agroecologia enquanto movimento social crítico e questionador de padrões da modernidade, e enquanto núcleo gerador de um conjunto alternativo de significados da ação social do agricultor ecológico, pela perspectiva reconstrutiva de uma racionalidade social ambiental.

O desastre da modernidade apontado por Batistela pode, contudo ser curiosamente atribuído ao triunfo das “ideologias masculinas” discutidos por muitos críticos do progresso. Neste sentido vale a pena prestar atenção ao adrocentrismo, conceito que foi oportunamente levantado na tese de Batistela. O depoimento de uma das mulheres entrevistadas durante a fase da pesquisa pode ser considerado revelador:

“As primeiras agricultoras eram mulheres, historicamente na história da agricultura quem começou foram as mulheres, justamente por terem mais sensibilidade e maior percepção e é justamente isso que precisa uma agricultura alternativa, mais sensibilidade e percepção de

detalhes. Na agroecologia são coisas sutis que fazem a diferença e as mulheres percebem isso com mais facilidade” (ROME, apud BATISTELA, 2009, p. 192).

O depoimento inédito se aproxima da discussão da ética do cuidado defendida por Leonardo Boff (2008) e do desastre explícito das “ideologias masculinas” discutidas por Fritjof Capra (2005). A constatação de Capra é que a exaltação do consumo material tem raízes ideológicas profundas, que vão muito além da economia e da política, elas estariam ligadas à associação universal da virilidade com os bens materiais nas culturas patriarcais, ou seja: quanto maior a quantidade de bens materiais detidos pela pessoa, mais heróica, mais forte ela é.

Sob o paradigma de uma nova racionalidade ambiental e considerando a economia local como foco de sustentabilidade, o protagonismo do Capa pode ser comparado a outras entidades mediadoras que procuram caminhar de forma diferenciada dos receituários que orientam a economia liberal. Sendo assim, a articulação das pessoas que ocorre em torno do Capa, pode ser caracterizada como um dos movimentos anti-hegemônicos que se percebem em muitas partes do planeta. Neste sentido, considera-se oportuno destacar uma observação do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2002) que parece ser convergente com as reflexões realizadas por Vanderlinde e Batistela e que se refere a racionalidade ambiental fundamentada na sustentabilidade definida pelo Capa. Santos observa que ainda hoje a maioria da população mundial mantém economias relativamente tradicionais, muitos não são “pobres” e uma alta percentagem dos que são foram empobrecidos pelas políticas da economia neoliberal. Em face disto, a resistência mais eficaz contra a globalização reside na promoção das economias locais e comunitárias, economias de pequena escala, diversificadas, auto-sustentáveis, ligadas a forças exteriores, mas não dependentes delas. Segundo esta concepção, numa economia e numa cultura cada vez mais desterritorializadas, as respostas contra os malefícios, não pode deixar de ser a reterritorialização, a descoberta do sentido do lugar e da comunidade, o que implica a descoberta ou a invenção de atividades produtivas de proximidade.

Numa reflexão atualizada sobre o Capa é oportuno destacar a motivação espiritual da IECLB que movimenta a entidade e foi fundamental para o seu surgimento e viabilidade. No plano de ação missionária da IECLB 2008-2012, o Capa é visto como um trabalho diferenciado junto à sociedade com o intuito de promover ações efetivas e questionadoras diante de situações de injustiça, de opressão e exclusão. Nesta perspectiva importa desenvolver sensibilidade para as necessidades e “dores da sociedade” e adquirir competência solidária. No contexto, a missão do Capa para o triênio 2007 – 2009 foi assim estabelecida:

O capa tem por missão contribuir ativamente na promoção do desenvolvimento que proporcione vida digna a todas as pessoas, sendo que as suas ações estão centradas no fortalecimento da capacidade de cooperação e organização da agricultura familiar para a produção agroecológica, utilizando metodologias de trabalho que valorizem a participação e o conhecimento local, associem teoria com a prática e promovam a equidade das relações, autonomia e bem estar das famílias (IDE, 2008, p. 3).

CONCLUSÃO

Desde a sua fundação o Capa procurou instrumentalizar pequenos agricultores que progressivamente vieram sendo marginalizados por uma racionalidade agrícola agressiva que infestou o ambiente com venenos e os afastou do mercado e dos seus meios de sobrevivência. A instrumentalização passa pela adoção e recuperação de saberes ancestrais e no

compartilhamento de saberes que ocorre na ação solidária desenvolvida pela entidade. Neste sentido, a ação do Capa pode ser considerada a materialização de uma possibilidade sustentável de trabalhar a terra com respeito e com o pensamento voltado para a sobrevivência de gerações futuras.

A palavra “racionalidade” costuma indicar procedimentos científicos que não permitem um fácil questionamento. A postura indica um “fundamentalismo científico” que a exemplo de outros tipos de fundamentalismos podem nos surpreender negativamente. No caso da racionalidade aplicada ao campo e que é mais conhecida como modernização agrícola, há muito que questionar nos seus processos considerados científicos. O mesmo pode se dizer quanto aos desdobramentos desta modernização no que se refere a implantação de culturas a base de organismos geneticamente modificados (OGMs).

O Capa emerge como um serviço eclesial da IECLB nos anos de 1970 e foi marcado pela idéia de que a racionalidade preconizada pela revolução verde criou impactos desagregadores que levaram os pequenos agricultores a uma situação de precarização social além de um conseqüente esvaziamento de áreas rurais. Pode-se considerar que o Capa surge como uma resposta da igreja a qual é vinculada, com o objetivo de oferecer aos pequenos agricultores possibilidades de alterar a situação: de construir uma nova paisagem. Além disso, vale dizer que com a aplicação de princípios da agroecologia e outras metodologias solidárias, ocorreu um ambiente favorável que possibilitou retirar da invisibilidade grupos sociais com os quais a entidade atua, como é o caso de comunidades quilombolas, indígenas e pescadores artesanais. Com isso ocorreu a transformação destes grupos em sujeitos ativos, em atores sociais organizados para reivindicar seus direitos e negociar políticas públicas nos espaços locais e regionais de decisão política.

REFERÊNCIAS

BATISTELA, Everton Marcos. **Agroecologia e racionalidade ambiental: a mediação social do Capa e a reconstrução agroecológica no sudoeste paranaense**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFPR, Curitiba, 2009.

BOFF, Leonardo. **Homem: satã ou anjo bom?** São Paulo: Record, 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CAPRA, Fritjov. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CASANOVA, Pablo González. **As novas ciências e as humanidades: da academia à política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF, 2002.

IDE, Hans-Hulrich. **A gente pega junto: protagonismo na agricultura familiar**. Trabalho e Porto Alegre: C&M, 2008.

VANDERLINDE, Tarcísio. A (re)invenção do agricultor: uma análise dos discursos no Informativo Copagril. **Tempos Históricos**. Cascavel: Edunioeste, 2008.

VANDERLINDE, Tarcísio. Capa: o jeito luterano de atuar com os pequenos agricultores no sul do Brasil. **Estudos Teológicos**. n. 2, São Leopoldo: Com -Texto Gráfica e Editora, 2006a.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Entre dois Reinos**: a inserção luterana entre os pequenos agricultores no sul do Brasil. Cascavel: Edunioeste, 2006b.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Estratégias de vida, agricultura familiar e formas associativas**: um estudo de caso - CAPA - núcleo oeste. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Niterói, 2002.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Fragmentos de inconformidade**: sociedade, territórios, espaços. Cascavel: Edunioeste, 2009a.

VANDERLINDE, Tarcísio. Fronteira e religiosidade: a celebração messiânica pelos territórios perdidos. **Estudos Teológicos**. n. 1, São Leopoldo: Com – Texto e Editora, 2009b.

WESTPHAL, Euler Renato. **O oitavo dia**: na era da seleção artificial. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.